

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Lado B.B.
8 e 14 de outubro de 2026

CE N'EST PAS VRAI / 1968

Um filme de FRANÇOIS REICHENBACH

Realização: François Reichenbach / **Autoria da Letra da Canção Original:** Jean-Max Rivière / **Intérprete:** Brigitte Bardot / **Produção:** Les Films du Quadrangle / **Cópia:** Digital, a cores, cantado em francês / **Duração:** 1 minuto / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

LA VÉRITÉ / 1960 (A Verdade)

Um filme de HENRI-GEORGES CLOUZOT

Realização: Henri-Georges Clouzot / **Argumento:** Henri-Georges Clouzot, Jérôme Geronimi, Simone Drieu, Michèle Perrein, Christian Rochefort, Simone Marescat, Vera Clouzot / **Fotografia:** Armand Thirard / **Montagem:** Albert Jurgenson / **Música:** Stravinski, Beethoven / **Cenários:** Jean André / **Intérpretes:** BRIGITTE BARDOT (Dominique Marceau), Charles Vanel (Guérin, advogado de defesa), Paul Meurisse (o procurador), Louis Seigner (o presidente do tribunal), Marie-José Nat (Annie Marceau), Sami Frey (Gilbert Tellier), Jacqueline Porel (advogada de defesa), René Blancard (um advogado), Jean-Louis Reynolds (Michel), André Oumansky (Ludovic), Fernand Ledoux (o médico legista), Louis Arbessier (o professor), Barbara Sommers (Daisy), Suzy Willy (Mme Marceau), Christian Lude (o coronel), Jacques Hilling, Colette Castel, Marcel Cuvelier, Jacques Perrin, Claude Berri.

Produção: Raoul Levy, para Iena (Paris), CEIAP (Roma) / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 128 minutos / **Estreia Mundial:** 2 de Novembro de 1960 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 13 de Março de 1961.

Duração total da projeção: 129 minutos.

Aviso: ao início desta sessão, projeta-se um “videoclipe-surpresa” identificado neste cabeçalho.

La Vérité é um filme sobre o quê e sobre quem? Sobre Dominique Marceau, jovem amoral, entregue apenas ao prazer de amar e viver, egoísta e sem preconceitos e sobre o acto tresloucado que a leva a matar o amante? Ou sobre Brigitte Bardot, mulher “escândalo”, e a sua forma de viver? E a “verdade” é o quê? Aquilo que está à “vista”, a evidência, ou algo mais íntimo e impossível de tocar? Seja porque prisma se encare o filme de Henri-Georges Clouzot o resultado é só um: é Brigitte Bardot que está no epicentro da história, “através” de Dominique Marceau. Para melhor percebermos isto é preciso lembrar a carreira e a vida tumultuosa, do ponto de vista sentimental, da que era então a mais popular vedeta francesa (escolhida como modelo para o busto de “Marianne”, o símbolo da República Francesa).

O que nos interessa aqui é particularmente os filmes e pode dizer-se que o que talvez esteja a ser “julgado” seja o que criou o mito, **Et Dieu... Crée la Femme**. Quem o viu que compare as personagens de Juliette (**Et Dieu...**) com a de Dominique. Nesta relação Dominique parece uma variação da mesma figura. E a figura é BB. O que os “flash-backs” de **La Vérité** nos contam é, em grande parte, um desenvolvimento das peripécias de Juliette. Não falta, aliás, a presença da dança, contudo mais simples no filme de Clouzot e sem a mesma carga simbólica e erótica. A origem social da personagem é idêntica: uma pequena- burguesa apagada, da província farta de um lugar onde nada acontece e que procura o prazer imediato. Dominique consegue o que Juliette ficou por fazer: abandonar a província e partir à conquista da cidade, a pretexto de acompanhar a irmã e procurar trabalho. Mas enquanto Anne (Marie-José Nat) estuda com afinco no Conservatório, Dominique limita-se a vagabundear pelo meio boémio do Quartier Latin e dos estudantes da Sorbonne (se alguma coisa de interessa se encontra no filme de Clouzot, é este “ar do tempo”, o retrato de uma zona, da Place Saint Michel e a Rue Galande à Sorbonne e Luxembourg, com as suas salas de cinema “art et essai” que hoje são apenas uma recordação, que dentro de poucos anos seria inundada por centenas de jovens portugueses fugidos à guerra colonial), até que se vê forçada a procurar trabalho, dado que os pais lhe negaram mais auxílio. Os vários trabalhos que Dominique arranja são também um eco dos que Juliette fazia. A entrada em cena de Gilbert Tellier (Sami Frey) corresponde à de Jean-Louis Trintignant no filme de Vadim, só que Clouzot leva mais longe (o que não quer dizer, melhor) o conflito e a crise entre eles. E, inclusive, retoma outro objecto que tem um certo peso em **Et Dieu...**, o revólver, para lhe dar um maior destaque (e mudar de mãos) em **La Vérité**. São demasiadas coincidências para que sejam “acazos”. Há, com toda a evidência, uma apropriação da figura de Juliette e do argumento de Vadim no filme de Clouzot. E se não retoma o famoso plano de BB despida, não falta(m) as cenas de “cul”, mostrando-o mais “discretamente”, logo de maneira mais escabrosa (não, os espectadores lisboetas não tiveram direito a elas em 1961, quando o filme se estreou entre nós, pois a censura vigiava cuidadosamente tudo o que dizia respeito a “cul” e outras partes da anatomia). A publicidade de então destacava que em **La Vérité** BB revelava também que era uma boa “actriz” (e não apenas, como se dizia, “boa atrás”), e Brigitte terá afirmado que era o seu filme preferido. Talvez porque através dele se revisse nesse passado tumultuoso que diziam as más línguas continuava presente. Aliás, as filmagens de **La Vérité** foram marcadas por bastantes incidentes do género, com BB deixando as suas habituais marcas predadoras: um “escaldante” romance com Sami Frey, outro, ao que parece, com o próprio Clouzot, que se terá visto no lugar de um Curd Jurgens de **Et Dieu...**, e terá provocado a morte da mulher do realizador, Vera Clouzot, co-autora do argumento, alegadamente de ataque cardíaco, mas possivelmente por suicídio em fins de 1960.

Outra questão que **La Vérité** levanta tem a ver com o estatuto do realizador. Henri-Georges Clouzot, autor de obras estimáveis como **L’Assassin Habite au 21/O Crime da Avenida Foch**, **Le Corbeau** e **Le Salaire de la Peur/O Salário do Medo**, viu-se “promovido” a Hitchcock francês devido a um equívoco com origem no seu famoso **Les Diaboliques/As Diabólicas** que teria interessado o autor de **Notorious**, pelo que Boileau e Narcejac, autores da obra que Clouzot adaptada, escreveram propositadamente para Hitchcock o romance que inspirou **Vertigo/A Mulher Que Viveu Duas Vezes**. Ora basta comparar **La Vérité** com um filme de Hitch decorrido no mesmo ambiente para se perceber que tal afirmação não passou de uma falácia. Referimo-nos a **The Paradine Case/O Caso Paradine**, também ele sendo quase todo ambientado num tribunal. A diferença é abissal, tanto na forma de tratar o julgamento como a forma como progridem os tempos fortes e a função dos “flash-backs”. Estes são meramente “ilustrativos” do que se vai dizendo em tribunal, daí redundantes, de pouco servindo para empurrar dramaticamente a acção. No interior do tribunal, a câmara de Clouzot parece paralisada, incapaz de jogar com a profundidade de campo (a fotografia é de Armand Thirard, vindo, também, de **Et Dieu... Crée la Femme**, e que parece ter apenas “olhos” para BB). Quanto ao talento da vedeta, a cena de histerismo no banco dos réus mostra que, vire-se para onde se virar, BB é sempre, e apenas, BB.